O SR. RENATO CINCO – Boa tarde, Senhor Presidente, senhores vereadores, senhoras vereadoras, senhores e senhoras.

Hoje eu estava acompanhando, antes de vir para Câmara Municipal, a repercussão de mais uma tragédia acontecendo em nossa cidade, que foi o assassinato do Doutor Jaime Gold na Lagoa Rodrigo de Freitas. Quero, antes de mais nada, prestar minha solidariedade à família, aos amigos, aos colegas de trabalho. A dor, numa hora dessas, certamente é muito grande. A dor não pode ser medida, comparada, avaliada. Qual a dor maior ou qual a dor menor, quando um cidadão ou uma cidadã perde a vida para a violência nas nossas grandes cidades.

Toda vez que alguém é vítima de uma morte provocada pela violência, perdemos todos nós, perde toda a sociedade, perde toda a humanidade. Sempre que o desfecho é violento, a derrota é de todos.

Mas eu não posso deixar de observar mais uma vez como na nossa sociedade a indignação é seletiva. A dor não se compara, mas nós podemos observar claramente como a indignação de setores da mídia, a indignação das autoridades, a indignação de parcelas do público é seletiva.

Em dois mil e doze, cinquenta e seis mil pessoas perderam a vida no Brasil por homicídios: cinquenta e seis mil pessoas! Isso significa que provavelmente no dia de ontem cento e cinquenta brasileiros e brasileiras perderam a vida em homicídios. Mas a reação da imprensa não é igual. Nós não sabemos hoje os nomes de cento e cinquenta brasileiros e brasileiras que ontem perderam a vida. No Rio de Janeiro talvez tenham sido oito, dez, onze pessoas que tenham perdido a vida no dia de ontem. Normalmente nós só sabemos o nome, conhecemos o rosto, conhecemos a história, os detalhes da vida da pessoa quando essa pessoa é da classe média, quando a pessoa é branca, tem nível superior.

E essa indignação seletiva tem objetivos; não acontece à toa. Essa indignação seletiva tem como objetivo principal criar uma distorção na percepção da realidade. Se alguém tentar estudar a violência urbana no Brasil daqui a cem anos, tendo como fonte exclusiva os jornais, as revistas, a televisão, vai ficar com a impressão de que o grande problema da violência nas nossas cidades nos dias de hoje são homens brancos, de classe média, sendo assassinados pelos pobres em assaltos nas ruas das nossas cidades. Mas essa não é a realidade; essa é a visão distorcida da realidade.

Em dois mil e doze, segundo a Anistia Internacional, das cinquenta e seis mil pessoas que foram assassinadas no Brasil, trinta mil eram jovens entre quinze e vinte e nove anos. E desse total, setenta e sete por cento, negros e negras. A maioria dos homicídios é ...